ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ECONOMISTAS

COLÓQUIO SOBRE DEFESA DO PATRIMÓNIO FLORESTAL
E A PROBLEMÁTICA DOS INCÊNDIOS NA FLORESTA

ALGUNS ASPECTOS SILVICOLAS E SILVOPASTORIS DA PREVENÇÃO DO FOGO

de
António Barros e
Fernando Salinas

6 MAIO 19[illegible]1

Rua da Estrela, 8 Telefones 66 15 84 - 66 15 85 1200 LISBOA

1. Modelos de ocupação do espaço

A evolução dos conceitos e conhecimentos em matéria de arborização, bem como a existência e disponibilidade de maquinaria apropriada, permitiu que nos últimos anos, com especial incidência no último decénio, as técnicas de instalação das novas arborizações e das rearborizações sofressem profundas alterações.

De facto, já não é hoje aconselhável utilizar para grandes áreas, densas sementeiras a lanço sem qualquer preparação prévia do solo, ou plantações com uma muito reduzida preparação pontual.

Quer sob o ponto de vista da produção lenhosa - objectivo que não deverá nunca perder-se de vista - quer sob o da prevenção do fogo, os modelos de arborização e rearborização dentre os vários tipos de ocupação do espaço das áreas de aptidão não agrícola que estão hoje em prática, representam um grande avanço em relação a um passado ainda bastante recente.

1.1. Uma das preocupações hoje generalizadas nas nossas arborizações, consiste, desde logo, em garantir a eliminação prévia, e tanto quanto possível duradoura, do mato. Complementarmente, importa ter em atenção a época do ano em que se procede àquela operação - qualquer que seja o seu tipo, - posto que, se ela for feita no período da frutificação, se poderá contribuir para a sua pronta regeneração por via seminal, anulando-se, a curto prazo, o efeito pretendido.

1.2. Relativamente à questão das densidades de instalação e ao problema, que lhe está associado, dos espaçamentos, importa não perder de vista um compromisso entre os objectivos de produção lenhosa e os da prevenção do fogo.

A opção por compassos muito apertados acarreta um efectivo domínio do mato relativamente cedo, mas tem as contrapartidas de apenas permitir o recurso a operações manuais de limpeza antes que aquele domínio se verifique e de provocar a antecipação das primeiras intervenções culturais, as quais poderão assim ter que ser feitas numa fase em que o material ainda não tenha qualquer valor comercial.

A opção por compassos largos faz aumentar, pelo menos nas primeiras idades, os riscos de fogo, embora propicie a possibilidade de intervenções mecânicas para eliminação do mato, operações no entanto, sempre dispendiosas.

Por outro lado, uma redução excessiva do número de árvores na instalação, pode acabar por conduzir a um dificiente aproveitamento da capacidade produtiva do meio e, portanto, a perdas significativas nos níveis do volume total obtenível, com a consequente redução de maleabilidade no que respeita à possibilidade de obtenção de volumes significativos nas diversas categorias de aproveitamento.

É ainda de notar que a eventual compensação do aumento da distância da entrelinha através do aumento do número de plantas na linha, deve ter por limite a não acentuação dos aspectos de assime-

tria, das copas, os quais, se muito marcantes, acabam por ter consequências nefastas ao nível da qualidade da madeira produzida, nomeadamente se se pensar em material de grandes dimensões.

Daí, a necessidade de se encontrarem soluções de compromissos, as quais, não permitindo grandes desenvolvimentos de mato, asseguram uma razoável ocupação da estação, não deixando de aproveitar, tanto quanto possível, a capacidade produtiva do meio.

1.3 Importa agora abordar os aspectos ligados ao ordenamento espacial das actividades da florestação e da silvopastorícia, de que se apresentam, a seguir, as várias combinações que se podem considerar, fundamentais:

a) Resinosas compartimentadas por folhosas.

b) Povoamentos mistos de resinosas e folhosas.

c) Folhosas estremes.

d) Folhosas consociadas com pastagem instalada ou natural.

e) Pastagens compartimentadas por sebes.

O caso referido na alínea a) é sem sombra dúvida o mais expandido nos projectos recentemente levados a cabo pelos organismos estatais de florestação.

Quer sob o ponto de vista de producão lenhosa diversificada, quer sob o ponto de vista da prevenção do fogo, quer-nos parecer que este modelo oferece vantagens importantes, a que acresce o facto de ser aquele que melhor se ajusta à generalidade dos solos presentemente disponíveis para a florestação.

Nas situações pedológicas um pouco menos degradadas que as do caso anterior, e onde interesse fomentar espécies folhosas madeireiras que possam beneficiar, sob vários pontos de vista, da consociação com resinosas na 1º fase da vida do povoamento, é interessante considerar a modalidade de linhas alternadas de espécie resinosa - espécie folhosa.

Sendo o objectivo a constituição de um povoamento de folhosas, dever-se-ão retirar as resinosas logo que estas propiciem rendimento interessante e tenham desempenhado o seu papel de protecção e condução: o primeiro consiste em proporcionar à espécie folhosa, nos primeiros anos de vida do povoamento, uma certa protecção em relação aos agentes físicos (nomeadamente, o vento) e também de defesa de povoamento do ponto de vista fitossanitário, através da simples diversificação de culturas (é uma solução para obstar, por exemplo, à progressão da doença da tinta nos castanheiros jovens): o segundo prende-se com as vantagens induzidas na folhosa quanto aos aspectos da sua conformação e nomeadamente, da obtenção dum com parte do ponto de vista florestal.

Nos melhores tratos de solos florestais, onde os declives e os regimes hídricos não permitam o tipo de opções formuladas nas alíneas d) e e), devem utilizar-se folhosas em povoamento estreme, desde as espécies ripícolas às mais tolerantes à secura.

Em zonas serranas de solos profundos e mais frescos, nomeadamente nos planaltos e zonas de perfil côncavo, dever-se-á melhorar ou, se necessário, instalar pastagem sob coberto de folhosas a compasso largo, ou compartimentada por sebes.

Os modelos a que fizêmos referência e de que existem já vários exemplos recentes no nosso país, procuram, pela diversidade, aproximar-se dos modelos naturais, os quais, como é evidente, constituem, comparativamente com os grandes povoamentos de monocultura de resinosas e de certas folhosas, (caso do eucalipto), obstáculo eficaz à deflagração e progressão do fogo.

Também são palpáveis os benefícios que tais modelos de arborização têm sobre o regime das águas, o que directamente pode influir no grau de combustibilidade dos povoamentos.

2. <u>Rede viária e divisional</u>

Tem-se hoje como certo, que a construção da rede de caminhos aquando da instalação duma floresta, constitui a implantação duma infraestrutura que, para além das finalidades ligadas à arborização, gestão e exploração dos povoamentos, assume um importante papel nos aspectos primeiros ligados às acções de prevenção, e também, já a outro nível, como suporte ao movimento dos meios indispensáveis de combate no caso da deflagração dum sinistro.

É assim que se caminha para a ideia de que a parte fundamental daquilo que se designa por <u>rede divisional</u>, deverá estar, tanto quanto possível, assimilada à <u>rede de caminhos</u>, posto que a transposição mecânica para as zonas de serra dos reticulados tradicionais das zonas litorais, envolve limitações importantes na sua utilização como possíveis vias de comunicação, sobretudo se estivermos a pensar nos tradicionais arrifes.

Assim, se na fase de instalação dos povoamentos, os caminhos florestais forem construidos, sempre que possível, segundo as curvas de nível (apenas com ligeiros declives para conveniente escoamento das águas) e comunicando entre si por lancetes de ligação - o que acaba por poder constituir uma malha fechada igualmente definidora de talhões - define-se uma rede primária com uma densidade média de 20 a 25 metros/ha, que possibilita um acesso fácil e rápido nas melhores condições.

Esta rede deverá ser completada pela rede secundária quando se aproximarem as primeiras intervenções florestais de vulto, atingindo-se então valores finais da ordem dos 35 a 40 metros/ha, os quais se consideram suficientes para a garantia de efectivação, nas melhores condições, das operações de exploração e defesa dos povoamentos.

Os elementos constitutivos da rede viária - rede divisional, para melhor cumprirem a sua função no que respeita à defesa contra fogos, deverão ser convenientemente marginados por espécies folhosas, em faixas com uma largura mínima de 10 metros para cada lado da faixa de rodagem ou de divisão.

3. <u>A silvopastorícia em povoamentos constituidos</u>

Por motivos vários, de todos certamente bem conhecidos, de há alguns tempos a esta parte, e em especial nas últimas duas décadas, a procura de matos no coberto florestal foi diminuindo, chegando mesmo nalgumas regiões do país a pràticamente desaparecer.

Assim, tem-se vindo a acumular na floresta portuguesa, com especial importância para o pinhal, - quer pela extensão, quer pelo tipo de sob-coberto que propicia - um imenso depósito de material altamente combustível, e que nos últimos anos, nomeadamente naqueles em que se dá uma convergência negativa de certos factores atmosféricos, têm contribuido como causa principal para a destruição de importantes áreas florestais.

Parece assim assumir importância apreciável o controlo dos matos em povoamentos adultos, por forma a diminuir os enormes riscos de combustão que eles representam para o actual facies da floresta artificial em Portugal, e isso, enquanto não for possível reconverter alguns desses povoamentos segundo os modelos apresentados em 1.3.

Ora, tal controlo torna-se nalguns casos difícil, ou mesmo impossível de praticar, pelos métodos humanos ou mecânicos conhecidos, dado os enormes encargos que tais operações acarretam. Importa assim, quanto a nós, revitalizar práticas já antigas, as quais, para além dos benefícios directos que têm sobre prevenção do fogo, podem desempenhar papel altamente positivo na balança portuguesa de produtos alimentares. Referimo-nos como é evidente à pastorícia de espécies rústicas do estracto arbustivo do sob coberto florestal.

Importa, quanto a nós, e quando se trate de povoamentos constituidos, introduzir de novo a prática do pastoreio, nomeadamente através de caprinos, para que, para além de se tentar o controlo do mato, se transforme um potencial de risco, num potencial produtivo (carne e leite).

Acresce que, o pastoreio em regime silvo-pastoril, para além de ajudar a controlar e combater os excessos de mato interior dos povoamentos, tem também a possibilidade de executar esse mesmo controlo e combate nas áreas de mato adjacentes aos povoamentos existentes.

Consegue-se desta forma, e com saldos positivos, manter os povoamentos em melhor estado de limpeza, o que certamente dificultará a progressão rápida e intensa dos fogos, ou mesmo nalguns casos poderá obstar à sua deflagração.

É evidente que tal prática não se poderá aplicar em povoamentos jovens, pois aí, de facto, o gado poderia vir a causar avultados prejuizos às plantações.